

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

O PERCURSO PATÊMICO DO EU EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

Vera Lucia Rodella Abriata
Universidade de Franca
vl-abriata@uol.com.br

ÁREA TEMÁTICA: *Teorías del lenguaje*

Resumen

“A terceira margem do rio”, conto de João Guimarães Rosa, é objeto de análise deste trabalho, que se utiliza do referencial teórico da semiótica francesa que, desde os anos 1980, constrói uma semântica da dimensão passional dos discursos e passa a considerar a paixão “como efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem”. Nosso texto focaliza os estados de alma do sujeito da história, que, projetado no presente da enunciação, ao rememorar o passado, já entrado em anos, toma consciência da anulação de sua existência, que foi marcada pela ausência do pai. Focalizamos o percurso patêmico do “eu” narrador, como sujeito do enunciado, em cenas enunciativas do texto nas quais se manifestam variantes da paixão da cólera, tendo em vista o modo como Jacques Fontanille (2005) a descreve em *Dictionnaire de passions Littéraires*. Nossa hipótese é que o eu não teve consciência da raiva e da revolta que sentiu em relação ao distanciamento do pai e, nesse sentido, observamos como essa revolta, ao final, provoca-lhe o sentimento de culpa e de medo. Logo, o estado afetivo de medo o impede de seguir o percurso do pai ao final da história.

Palabras claves: Semiótica francesa – Estados de ánimo del sujeto – Presente de la enunciación – Narrativa - João Guimarães Rosa.

A Semiótica e as paixões

A teoria semiótica francesa, desde os anos 1980, constrói uma semântica da dimensão passional dos discursos e passa a considerar a paixão “como efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 358), abordando-a em sua dimensão sintática, no sentido semionarrativo do termo.

De acordo com Fontanille (1999), um estudo semiótico das paixões deve buscar as propriedades e o funcionamento discursivos e textuais da afetividade. Nessa busca, é importante observar que os textos manifestam estruturas semânticas e sintáticas que produzem efeitos afetivos. Entre elas, destacam-se os dispositivos modais.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Segundo o autor, só ocorrem efeitos afetivos no discurso quando um mesmo predicado suportar, simultanea ou sucessivamente, pelo menos, duas modalizações diferentes. Dessa perspectiva, o estudo semiótico das paixões assenta sobre as modalidades¹ que definem reciprocamente, o estatuto do sujeito e do objeto. A paixão, de acordo com esse enfoque, aparece como um excedente, um excesso em relação a uma estrutura modal, e o sofrer é interpretado como uma modulação dos estados do sujeito, provocados pelas modalidades investidas nos objetos. Assim, as modalidades são tratadas como gradientes orientados e associados, e os estados de alma dos sujeitos ficam sob a dependência das modalidades investidas nos objetos de seu horizonte axiológico. Quando, no discurso, se apreende uma disposição complexa de modalidades, muitas vezes contraditórias e incompatíveis, cria-se um verdadeiro tumulto modal. É importante ressaltar que o efeito afetivo se manifesta não apenas por meio da correlação entre as modalizações, mas também é fruto das tensões que elas induzem.

É o que ocorre com o sujeito “eu” em “A terceira margem do rio” Rosa (1977), cujo percurso patêmico analisamos neste texto. Examinamos seus estados de alma em cenas enunciativas em que se revelam variantes da paixão da cólera e a paixão do medo.

A paixão da revolta, variante da cólera, conforme Fontanille (2005) a define em seu *Dictionnaire de passions littéraires*, é uma das que se manifestam no texto de Rosa. Baseando-se em estudo anterior de Greimas² que aborda essa paixão, por meio da observação de sua definição e funcionamento linguísticos, o semioticista francês se interessa por seu funcionamento textual e por seu desenvolvimento discursivo. Desse modo, complementando a sequência proposta por Greimas, ele propõe, como etapa

¹ Bertrand (2003, p. 368) observa que a modalização do ser descreve o “modo de existência do objeto de valor em ligação com o sujeito” e dá conta das relações existenciais, definindo,, por consequência, o estatuto do sujeito de estado.

² Para Greimas (*apud* Fontanille, 2005, p. 62), a sequência canônica da cólera se manifesta pela análise da definição lexical.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

inicial do esquema canônico da cólera, a confiança a que se segue a espera, a frustração, o descontentamento, a agressividade e, finalmente, a explosão.

Entretanto, como observamos anteriormente, Fontanille (2005, p. 66-69) constata que há variantes subsequentes e antecedentes à seqüência a que nos referimos. Nesse aspecto, a frustração não provoca obrigatoriamente o descontentamento e pode transformar-se em angústia ou em desespero, afetando mais que a relação com o outro sujeito: ela diz respeito aos próprios valores e à estabilidade do sistema de crenças que funda a confiança inicial. Nesse caso, é a legitimidade da espera e da confiança que é questionada: por não poder continuar o percurso no sentido da desconfiança, do descontentamento e da cólera, o sujeito, que se encontra frustrado, mergulha, ao mesmo tempo e solidariamente, no desespero e na renovação de sua espera fiduciária. Analisemos, pois, o texto rosiano, focalizando como os efeitos afetivos, variantes da cólera, nele se concretizam e como vão desembocar no medo.

O percurso patêmico do eu em “A terceira margem do rio”

Em “A terceira margem do rio” o narrador, protagonista da história, projetado no presente, rememora seu passado e relata o conflito que o move desde a mais tenra infância, quando teve que lidar com a ausência do pai. O motivo desse apartamento, desde sempre inexplicável para o filho, foi decisão do pai que optou por viver à margem da vida, no meio de um rio, para onde partiu, um dia, em uma canoa.

Logo após a partida do pai, revela-se um primeiro estado de tumulto modal do eu que “queria”, mas não “podia” entender os motivos que levaram o pai ao abandono familiar. Nesse sentido, ele se projeta como um sujeito em estado de falta, pois, desde a infância, queria estar conjunto ao pai – “querer-ser” –, mas teve que lidar

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

com essa ausência - “saber não poder- ser”. Portanto, o amor paternal que pelo filho era desejado, foi se revelando impossível de ser alcançado ao longo da história, na medida em que ele se sentiu em estado de abandono. Isso se manifesta na situação inicial do texto, quando a canoa que o pai encomendara ficou pronta, e o filho pediu para partir com ele:

E esquecer não posso o dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nossa mãe a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beíço e bramou: - “Ce vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei ;- “Pai, o senhor me leva junto nessa sua canoa? Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção com gesto me mandando para trás” (ROSA, 1977, p. 27).

O filho foi se dando conta gradativamente de que o pai não voltaria, não obstante todo o empenho da família, como se nota no enunciado “a gente *teve de se acostumar com aquilo. Às penas que com aquilo a gente nunca se acostumou, em si, na verdade*” (ROSA, 1977, p.29, grifos nossos). Evidencia-se aí o conflito do filho, dividido entre as modalidades do “dever” e do “não-poder” estar conjunto ao objeto de valor “pai” e a seu afeto.. Assim, uma luta interna se processou não somente no interior do filho, mas no seio de toda a família, que se concretiza por meio do sujeito “a gente”: luta entre o “dever” de aceitar a ausência da figura paterna, de acostumar-se a ela, e a incompetência – “não-poder” – para lidar com a falta, o que tem por efeito o sofrimento da família que se estende indefinidamente no tempo. Tendo em vista o percurso patêmico do sujeito “eu”, observamos que a fase inicial da sequência canônica da cólera, a confiança e a espera, ficam implícitas no texto. Fontanille (2005, p. 64) afirma que a confiança pressupõe uma relação entre dois sujeitos e a crença de um em relação ao outro. A confiança do filho em relação ao pai, a crença no amor paternal era, pois, modalizada pelo filho pelo “dever-ser”.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A segunda fase, a da espera, “guarda a memória da confiança que a fundamenta” (FONTANILLE, 2005, p. 64), e o crer, instalado pela confiança pode se desdobrar, na fase da espera, em um crer em alguém, aquele que deveria realizar algo. Não se trata geralmente de contrato verdadeiro, mas sim de contrato de confiança., ou contrato fiduciário. Dessa forma, o sujeito do fazer, o pai, não se sentiu obrigado a fazer, já que sua modalização deôntica não passava de produto da imaginação do sujeito de estado.

Assim, como sujeito de estado, o filho acreditava poder resgatar a conjunção com o objeto perdido, pensando poder contar com o pai, também como sujeito do fazer para realizar suas esperanças, acreditava, enfim, que o pai devesse retornar ao convívio da família, mas, na verdade, o contrato, da ordem do imaginário, não se efetivou. A espera, foi, por conseguinte, frustrada, e se manifesta no texto por meio de figuras lexicais que revelam o estado de decepção do filho perante a decisão do pai em permanecer no meio do rio. Algumas dessas figuras se manifestam na cena enunciativa abaixo, tais como : “ele não se lembrava mais”, “nem queria saber da gente”, recobrando o estado de frustração do filho.

A contrapartida da espera pode ser a frustração ou a decepção que decorrem da disjunção do sujeito com o objeto-valor desejado. Nesse momento, conforme Fontanille (2005, p. 64), o sujeito de estado prova a privação³:

³ Fontanille (2005, p. 66) destaca que cada uma das fases da sequência canônica oferece “uma nova visão da relação entre os actantes e particularmente uma nova transformação da relação fiduciária: confiança e abandono de um em relação ao outro, decepção e abandono de um pelo outro e um novo questionamento da relação contratual”.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa para dela não saltar, nunca mais. Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum bom meu procedimento, eu falava: - "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não encontrável? (ROSA, 1977, p. 28)

Os questionamentos do filho, nesse excerto, indiciam seu estado afetivo de decepção com a partida do pai, estado de que ele não tinha consciência como sujeito do enunciado, mas que lhe provocava inconscientemente a irrupção do sentimento de culpa, pois, de acordo com o código de ética religioso e a pauta parental patriarcal, o filho deve amar, respeitar o pai sobre todas as coisas⁴.

O filho se tornou, pois, premido pela decepção não assumida, mas recalçada, pelo estado de raiva e de revolta que sentira pela ausência da figura paterna. Desse modo, essa ausência foi sentida como abandono, conforme ele nos revela no presente da enunciação, como sujeito narrador de sua história. Assim, no pretérito, como sujeito do enunciado, quando recebia elogios sobre seus bons procedimentos, declarava com orgulho que os aprendera com o pai. É, por conseguinte, no presente da enunciação que ele, como sujeito cognitivo, se dá conta de que o que *parecia ser* verdade, *não era*. Portanto, o que parecia respeito, admiração de sua parte, era, na verdade, a forma de ele compensar a revolta pela partida do pai, revolta que trazia consigo a culpa.

E é assim que esse filho se submeteu à lei do amor ao pai nas suas atitudes para com ele ao longo da vida: todos os dias, operando fazeres como deixar-lhe secretamente, alimento à beira do rio, com a anuência cúmplice da mãe, como mais tarde veio a descobrir. E é assim também que, quando a família resolveu partir do

⁴ Walnice Nogueira Galvão (1978, p. 40), em belo ensaio sobre o conto rosiano, observa que a repressão patriarcal, geral, mas enorme em famílias mais fortemente patriarcais do tipo da brasileira, detém maior poder que as outras repressões institucionais.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

lugar para não mais sofrer, desesperançosa por não conseguir demover o pai da atitude inexplicável da partida, o filho, que era o mais velho, assumiu o papel de

sujeito que deveria permanecer no lugar, à beira do rio, à margem da própria vida, em nome da vigília cuidadosa ao pai. “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito (ROSA, 1977, p. 30-31).

A insatisfação e a decepção do filho, paixões de ausência, não conduzem, em termos da seqüência canônica da configuração passional, à liquidação da falta, gerando-lhe o estado de tristeza e de mágoa intensas, paixões que se prolongam durativamente.

É interessante notar que as figuras “fiquei aqui”, “permaneci com as bagagens da vida”, aludem metaforicamente à intensidade do fardo que se tornou a vida do filho, que se sentiu instado ao “dever” de cuidar do pai, em detrimento da própria vida, o que gera, por sua vez o estado de revolta, não assumida, mas subreptícia, o que também se deixa entrever em seu relato, quando procurou entender os motivos que levaram o pai a partir naquela canoa, mas não conseguiu encontrar respostas para tal feito.

Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas agora esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais. Só as falsas conversas, sem senso [...] diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; *agora me entrelembro*. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos branco (ROSA, 1977, p. 31).

O filho, ao declarar a sua incompetência para “malsinar” o pai, ou seja, censurar, condenar (FERREIRA, 1999, p. 1263) revela novamente o seu estado de tumulto modal: sabia que *não podia*, mas, na verdade, *queria* condená-lo. Assim, o “não poder-não-fazer” se sobrepõe, em termos de intensidade, ao “não-querer fazer”, ao “não dever-fazer” e ao “não poder-fazer”, e o sujeito, em determinado momento de seu percurso, sem ter consciência plena da extensidade de seu sentimento de

Identities dinámicas: variação e mudança em el espanhol de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

revolta, de ódio frente à figura paterna, permaneceu ali, à margem da vida, zelando pelo pai, como forma de compensar suas paixões negativas:

Sou homem de tristes palavras. De que era que tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio-pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais [...] Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse-se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia (ROSA, 1977, p.31).

Esse “dever-fazer” que ele se auto-impingiu pode ser, por conseguinte, considerado um modo de tentar sanar a culpa que as más paixões lhe provocaram, afinal, como reza o evangelho, há a ordenação divina segundo a qual se deve honrar ao pai e à mãe: “Quem maldisser ao pai ou à mãe, certamente morrerá” (MT, 15, 4). Logo, só por aventar a possibilidade de malsinar o pai, o filho, modulado pela culpa, cujo motivo lhe era da ordem do *não-saber*, na tentativa de dela se libertar, assumiu a necessidade de reparação e decidiu tomar o lugar do pai na canoa:

Sem fazer véspera. Sou doido? Não, na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido,. Ninguém é doido, ou então todos. Só fiz que fui lá. Com um lenço para o aceno ser mais . Eu estava muito no meu sentido. Esperei . Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz:- **“Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora o senhor vem, não carece mais...O senhor vem e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!”**

E assim dizendo meu coração bateu no compasso do mais certo (ROSA, 1977, p.31, grifos do autor).

De novo o peso da pauta parental ditou-lhe as normas de conduta, como se nota no texto por meio das figuras “falei o que me urgia”, “meu coração bateu no compasso do mais certo” que revelam o tumulto modal em que ele se encontrava

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

entre o “dever”, o “querer” e o “não querer-fazer”. Assim, entre a manifestação do “dever” e do “querer-fazer”, conscientes, e o ato de realizá-lo, ocorreu o que não se

podia esperar, a intensificação do “querer-não-fazer”, que se sobrepõe às outras duas modalidades:

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água. Proava pra cá, concordado. E eu *tremi profundo* de repente... e *Eu não podia* ...Por *pavor*, arrepiados os cabelos, corri, fugi , me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos. Adoeci. Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado (ROSA, 1977, p. 32).

Ao dever, da ordem da racionalidade, filiado à pauta parental, se opõe a paixão do medo e do pavor, modalizadas pelo “não-querer ser”, ou seja, o filho não teve coragem de assumir o lugar do pai, e uma das razões é que sua própria vida fora uma morte em vida, como manifesta o enunciado “sou o que não foi”. Essa consciência a respeito da vida que “poderia ter sido e que não foi”, levou-o a fugir apavorado, sem coragem de assumir o lugar do pai, sem coragem de assumir as paixões da raiva, e do ódio pela ausência paterna, o que lhe marcou a existência, ou melhor, a inexistência., premido, pois, entre o “dever” de amar e o “querer” odiar a figura paterna.

Desse modo, o sentimento de raiva em relação ao pai, pelo abandono a que o submeteu, o que internamente ele nunca pôde perdoar, imobilizou-o, impedindo-o de viver a própria vida, e, ao mesmo tempo, de assumir o lugar do pai, o que o faz fugir com medo de não suportar o seu legado.

O ato de pedir perdão, redundante ao final do excerto, reitera o estado de culpa, efeito do que ele pressentiu, mas não pôde assumir: o fato de nunca ter perdoado o pai pela eterna ausência., o pai não só odiado, mas também amado:

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

“Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que no artigo da morte, peguem em mim e me depositem, também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (ROSA, 1977, p. 32).

O conflito entre o ódio e o amor leva, pois, o filho a manifestar o desejo de, ao final da vida, ser também levado pelas águas do rio. Assim, como não pôde assumir o lugar do pai, o lugar de uma ausência, quando ainda em conjunção com a vida, leva-o a manifestar o desejo, impregnado do “dever-ser”, de seguir a trilhas do pai, no momento de proximidade de sua morte.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1960.

BERTRAND, D. **Caminhos de semiótica literária.** São Paulo: EDUSC, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTANILLE, J. **Sémiotique et littérature.** Paris: PUF, 1999.

GALVÃO, W. N. **Mitológica rosiana.** São Paulo: Ática, 1978.

RALLO, DITCHE, E.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. **Dictionnaire des passions littéraires.** Paris: Belin, 2005.